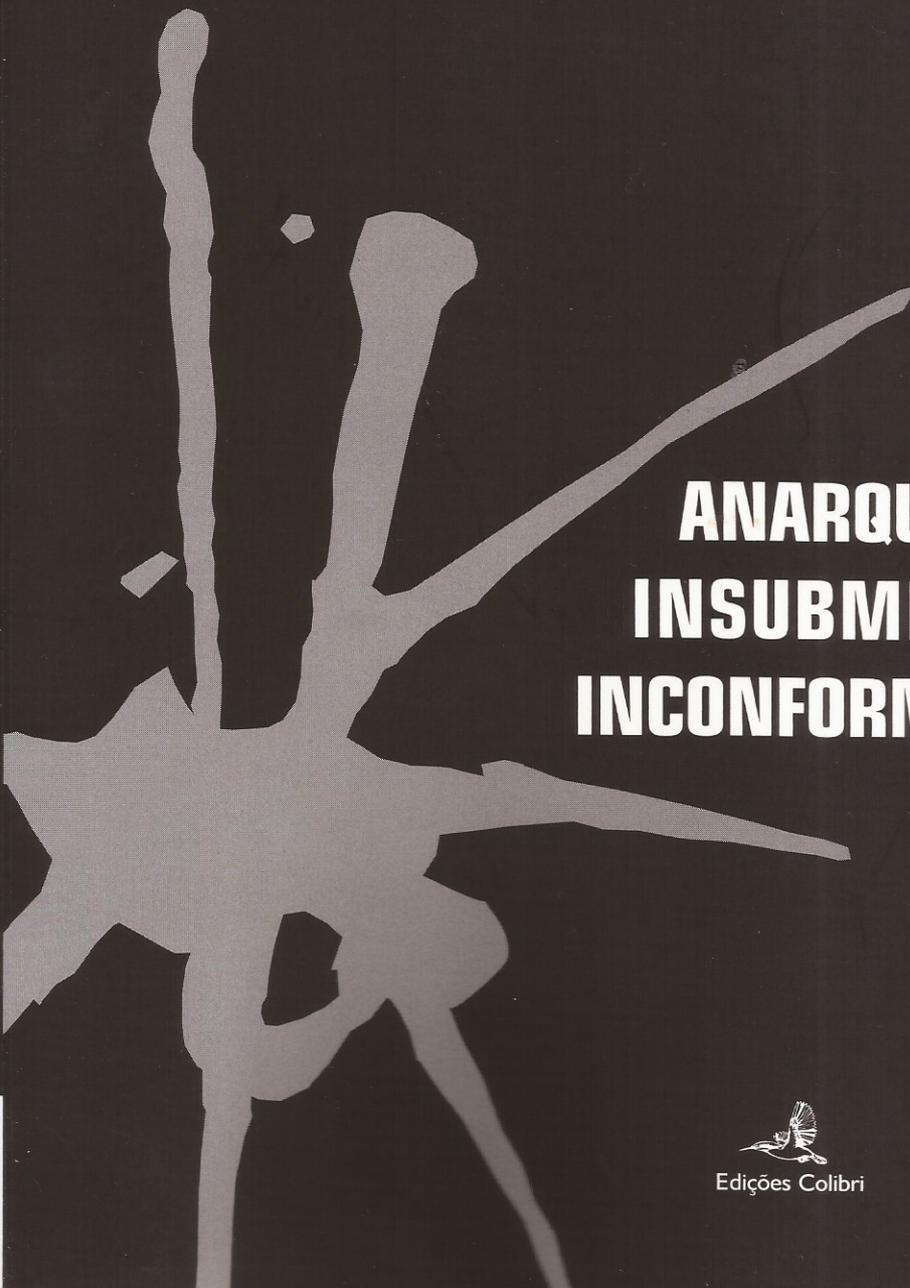


nova

Síntese



**ANARQUISMO,
INSUBMISSÃO,
INCONFORMISMO**



Edições Colibri



MUSEU
DO
NEO-REALISMO

Associação Promotora

Título: Anarquismo, Insubmissão, Inconformismo

Responsável: António Mota Redol

Associação Promotora do Museu do Neo-Realismo
R. Alves Redol, 45 2600-099 Vila Franca de Xira

Coordenação: Ricardo António Alves e António Mota Redol

Capa: Catarina Redol

Edição: Edições Colibri/ Associação Promotora do Museu do Neo-Realismo

Impressão: Colibri Artes Gráficas, Lda.

ISBN 978-989-566-200-5

Depósito legal n.º 500 888/22

Preço – 15,00 €

Lisboa, Abril de 2022

Nota 1. Este deveria ser o n.º 19 da revista *Nova Síntese*, a qual deixou de se publicar por decisão da Associação Promotora do Museu do Neo-Realismo, na sequência de dificuldades levantadas pela Entidade Reguladora para a Comunicação Social.

Nota 2: Embora os Cadernos *Nova Síntese* tenham optado por continuar a respeitar o Acordo Ortográfico de 1945 e suas actualizações, os textos publicados mantêm a ortografia adoptada pelos autores dos artigos.

ÍNDICE

Apresentação	
Ricardo António Alves	7
Raul Brandão e o imaginário anarquista	
Vítor Pena Viçoso	11
Raul Brandão e os escritores anarquistas de <i>A Batalha</i> – aproximações e distâncias	
Ricardo António Alves	31
Campos Lima e as novas tendências do Realismo no Século XX em Portugal	
António Cândido Franco	45
Manuel Ribeiro, o vermelho e o branco	
Gabriel Rui Silva	77
Um anarquista em guerra contra a guerra: o patriotismo como paixão política nas crônicas de Neno Vasco	
Thiago Lemos Silva	113
Três utopias de natureza anarquista	
Miguel Real	147
Anarquismo e franciscanismo – Eça de Queirós lido por Jaime Cortesão	
Ricardo António Alves	161
António Pinto Quartín (1887-1970): Um anti-colonialista em Angola nos anos '30 do Século XX	
Paulo E. Guimarães.....	187
<i>Pão Incerto</i> , de Assis Esperança: uma leitura	
José Manuel de Vasconcelos	207

José Maria Ferreira de Castro, o Cidadão do Mundo sempre fiel a si mesmo Bernard Emery	217
Jorge Teixeira. Um caso literário de Realismo Social antes do Neo-Realismo António Moreira	235
Mário Domingues, o Pan-Africanismo e <i>A Batalha</i> Richard Cleminson	259
José Régio: Originalidade, irreverência e independência. Imagens do artista quando jovem Manuel José Matos Nunes	271
João Pedro de Andrade: O mundo para além da loja escura Joana Marques de Almeida	283
Outros horizontes de Roberto Nobre: O seu trabalho gráfico e artístico Luísa Duarte Santos	289
Roberto Nobre e Walter Benjamin, o horizonte do cinema e a obra de arte Gunter Karl Pressler	313
Alves Redol e os anarquistas e anarco-sindicalistas António Mota Redol	327
Socialistas e libertários na década de 1930: Mito e criação cultural. Notas de leitura a propósito da revista <i>Pensamento</i> (1930-1940) Paulo E. Guimarães	351

CAMPOS LIMA E AS NOVAS TENDÊNCIAS DO REALISMO NO SÉCULO XX EM PORTUGAL

*António Cândido Franco**

Das Tendências Realistas no Séc. XIX e da sua Evolução

Embora o Romantismo tivesse sido teorizado nos anos finais do Século XVIII, legando assim uma sensibilidade distinta e inovadora ao novo século que começava em 1801, o Século XIX foi na política, no ensino, na ciência e na técnica, ~~quer dizer,~~ em quase todos os aspectos essenciais da vida social, um herdeiro da sensibilidade anterior ao Romantismo, quer dizer, da cultura iluminista de Setecentos que teve na Enciclopédia francesa um marco que tanto foi um ponto de chegada como de partida. As novas questões que o Romantismo colocou, e que estavam longe de ser apenas artísticas, já que a arte era nele tão-só a cúspide dum edifício mais vasto, ou um dos compartimentos da sua especulação, as novas questões do Romantismo, dizíamos, não se chegaram a impor do ponto de vista societal, obrigando as sociedades europeias a arrear caminho e a descobrir formas novas de convívio.

A nova Idade Média, a nova cultura medieval que o Romantismo prometeu no contexto do Império napoleónico e da sua queda previsível, não chegou a acontecer. As sociedades europeias continuaram unidas na senda dos grandes valores iluministas (razão, ciência, técnica e progresso), contribuindo como nunca para a consolidação e o desenvolvimento desses valores anteriores ao rasgão romântico, isto no quadro dum Liberalismo económico, também ele fruto da “Enciclopédia” iluminista, que depressa se transformou numa acelerada e gigantesca concentração de capitais. O Romantismo, com tudo o que tinha de novidade insubstituível e de genial, não pôde ser ignorado, mas foi adoptado de forma quase inofensiva, sendo a sua face mais selvagem e obscura esquecida – ou devidamente domesticada. Ficou acantonado no domínio estético como mera escola artística, o que lhe desvitalizou o nervo de rebeldia e lhe fez perder os conteúdos e as questões mais incómo-

* Professor do ensino público. Docente e investigador na Universidade de Évora. Coordenador e editor da revista de cultura libertária *A Ideia*, fundada em Paris, ainda antes da revolução, por um oficial da marinha que desertou em 1968.

das. Por isso nas versões mais inócuas, que são as mais correntes e conhecidas em toda a Europa da primeira metade do Século XIX, o Romantismo adaptou a Idade Média como um mero adorno exótico e fez do romance histórico um entretenimento evasivo. O mesmo se passou com a cultura popular, que os primeiros românticos descobriram e valorizaram como um contraponto vivo e alternativo à cultura erudita e alfabetizada das Academias e das Universidades e que os românticos ulteriores musealizaram em folclore. Também a força da imaginação criadora que o primeiro Romantismo colocara como motor de toda a criação poética e artística foi depois substituída pela apologia do sentimento, cujo papel social parece ter sido substituir o sagrado que a pedagogia iluminista varrera do ensino e a Revolução Francesa reduzira ao apertado espaço do clero secular.

O Romantismo punha na sua essência em causa o modo de vida das sociedades europeias, tal como ele se estava a desenvolver com a ciência, o império da técnica, o desenvolvimento das trocas comerciais e a acelerada mercantilização da vida. Foi a primeira crise da modernidade e dos seus caminhos sociais e políticos. A sua incompatibilidade com o mundo moderno e com o modo de produção industrial era total como se viu por exemplo com a geração romântica dos Pré-Rafaelitas ingleses, fundada por Dante Gabriel Rossetti em 1848 e que deu a obra crítica e visionária do utopista William Morris (1834-1896) e que parece ser a melhor continuidade que a primeira teorização romântica de Iena, a da revista *Athenaeum* dos irmãos Schlegel, teve. Em Portugal, certos aspectos da obra de Camilo Castelo Branco e da sua geração portuense ganham em ser lidos à luz deste Romantismo autêntico, que se desenvolveu em pequenos círculos minoritários, à margem dos valores dominantes da sociedade burguesa oitocentista. O Romantismo assinalou a primeira crise das ideias e do projecto iluminista. Podia ter representado um caminho distinto para as sociedades europeias e um modo de vida novo não centrado na técnica, na crença absoluta na ciência e no desenvolvimento de relações estritamente mercantis. Esse novo modo de vida recentrar-se-ia nos poderes da imaginação, do psiquismo, do sonho, do devaneio e da intuição – valores que, pretensamente superados pelo Iluminismo, foram apenas por ele recalçados. Assim como assim, as propostas avançadas pelo Romantismo foram vencidas e empurradas para as margens. A cultura dominante do Século XIX optou por desenvolver as propostas clássicas do Iluminismo.

A importância que a ciência teve no Século XIX em três domínios autónomos, mas interligados entre si – o da produção (máquina a vapor, tear mecânico, descaroçador de algodão e outros), o dos transportes (barco a vapor, locomotiva, motor de explosão, avião), o das comunicações (telégrafo e telefone) – teve necessariamente um impacto marcante nos ideários que marcaram o desenvolvimento desse período. Um século tão dominado pela ciência e pela técnica, com transformações económicas tão dependentes

desta última, teria necessariamente de criar uma cultura que desse expressão às suas preocupações maioritárias. É por isso que o destino do Romantismo, um movimento tão genialmente criador no seu ponto de partida original, mas também tão a contracorrente da cultura europeia que se iniciara no Renascimento, foi aquele que anteriormente vimos – a desarticulação dos seus grandes princípios originais, que reduzidos a uma mera dimensão estética perderam a sua filosófica e transgressora rebeldia inicial, ou a marginalização forçada em pequenos e desacreditados círculos como a Confraria Pré-Rafaelita inglesa, que teve ainda assim a força de legar uma obra tão avançada e prometedora como a do socialista William Morris.

O primeiro, e talvez o mais marcante e típico, movimento de ideias surgido no Século XIX foi o Positivismo de Augusto Comte (1798-1857), que teve depois desenvolvimentos vários ao longo do Século XIX e acabou por influenciar escolas distintas de pensamento como o pragmatismo e o utilitarismo de John Stuart Mill (1806-1873), também elas representativas do século do comboio, do telégrafo e do telefone. O Positivismo nasceu com a publicação do livro de Augusto Comte, *Curso de Filosofia Positiva* em vários tomos (1830, 1835, 1838, 1839 e 1842), resultado de aulas privadas dadas em sua casa pelo menos desde o ano de 1826. Estes tomos vieram depois, já nos anos finais da vida do autor, a ter desenvolvimento nos quatro volumes do *Sistema de Filosofia Positiva* (1851-1854) e numa sistematização final, *Catecismo Revolucionário* (1852). Na acepção de Comte, mas também na de muitas das doutrinas que dela procederam ou por ela foram influenciadas, o Positivismo caracteriza-se por uma posição metodológica de base que pode ser resumida do seguinte modo: só o conhecimento dos factos interessa e só ele assegura o progresso do conhecimento. É ele a base de qualquer certeza – desde que se elabore segundo os métodos próprios das ciências experimentais (a Química, a Física, a Biologia, a Medicina). Todo o saber está assim limitado pela experiência factual e o filósofo e o homem de ciência devem assim renunciar à pesquisa do absoluto e à indagação religiosa e metafísica. Para o Positivismo só há factos, observação de factos, relações de factos, leis invariáveis que são o resultado dessas observações e dessas relações e a ordenação sintética dessas leis.

A cultura e as ideias dominantes do Século XIX nasceram no seio duma metodologia positiva e científica – a obra de Comte é exemplo disso – que muito pouco devem à reflexão dos românticos, todos eles muito mais atraídos pela alma humana do que pela ciência das coisas. Para compreender o espírito “positivo” que nasceu e se desenvolveu na primeira metade do Século XIX é preciso recuar a autores típicos da mentalidade iluminista de Setecentos – Montesquieu, Condorcet, Gaspar Monge, John Locke, Jeremy Bentham ou Adam Smith, o pai da Economia como ciência quantitativa que abdica de considerações morais. São eles, e não os românticos de Iena e os seus raros e dispersos herdeiros directos, que estão na origem das filosofias

positivas e científicas do Século XIX. A par destas novas ideias, tenha-se ainda em conta a evolução da sociedade, marcada por um lado pelo Liberalismo político e económico, fruto da abolição do Antigo Regime e da sua estrutura fundiária, com a multiplicação e a gigantesca concentração de capitais industriais, e por outro por uma aceleração da técnica, resultado da evolução da ciência e do desenvolvimento da engenharia com a Geometria descritiva de Monge e com as aplicações sociais das invenções de James Watt. O Capitalismo industrial acabava de nascer, com uma nova elite financeira, com um êxodo rural nunca antes visto e com o desenvolvimento dum novo tipo de cidade, cercada de fábricas e de bairros periféricos operários.

As péssimas condições em que esta nova classe, o proletariado industrial, vivia, com salários de miséria, prostituição, alcoolismo, trabalho infantil, horários desumanos, levou a que o Liberalismo fosse contestado nos seus valores e surgissem novas formulações teóricas no plano económico. Surgiram assim as ideias socialistas e anarquistas, que procuravam organizar a classe operária em torno de reivindicações económicas e sociais, dando-lhe um novo protagonismo histórico. Ainda na primeira metade do Século XIX, Pierre-Joseph Proudhon (1809-1865) é talvez o pensador social que mais contribuiu para dar uma consciência social e socialista à nova classe surgida da revolução industrial e que logo nas revoluções europeias de 1848 mostrou a sua capacidade combativa de intervenção e de organização, que veio pouco depois a ter uma expressão ainda mais eficaz e concreta na Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT), fundada em 1866, e onde se expressaram em tenso diálogo duas correntes – a “científica” em torno de Karl Marx e a libertária em torno de Bakunine e dos operários relojoeiros do Jura suíço e que num campo de influência próprio muito marcaram a posterior evolução das organizações operárias europeias e mundiais, o que começou logo por acontecer nos acontecimentos parisiños da Primavera de 1871.

Com uma tal evolução no domínio das ideias filosóficas e políticas e com uma tal transformação social era de esperar que a arte e a literatura procurassem acompanhar estas novas mudanças, abandonando os modelos anteriores que lhe vinham da ruptura do romântico. O método experimental que o Positivismo tomou como base de todo o conhecimento acabou por ter um impacto na arte e na literatura, que pretenderam trocar a subjectividade da arte romântica por um espírito positivo de observação dos factos e das realidades. Estava criada a sensibilidade duma nova escola artística, o Realismo, que punha na representação do real exterior toda a sua ambição. O Realismo nasceu como uma reacção ao Romantismo e ao que neste havia de sentimento e de subjectivo. Procurou acompanhar a Filosofia Positiva e trazer as suas ideias para o domínio da arte e da literatura. Se a Filosofia Positiva partia do princípio de que só se podiam conhecer factos e de que o único método para os conhecer era o método laboratorial das ciências experimentais, quer dizer, a observação e a análise, as novas tendências da arte e da literatura do